

26

E — Cap. XI — Item 11
L — Questão 685

Temas estudados:

Expições à vista
Insensibilidade moral
Madureza física
Missão da experiência
Vida e transformação
Desencarnação e vida

Crises sem dor

Fáceis de reconhecer as crises abertas.

Provação exteriorizada, dificuldade à vista.

Surgem, comumente, na forma de moléstias, desencantos, acidentes ou suplícios do coração, atraindo o concurso espontâneo dos circunstantes a que se escoram as vítimas, vencendo, com serenidade e valor, tormentosos dias de angústia, como quem atravessa, sem maiores riscos, longos túneis de aflição.

Temos, porém, calamitosas crises sem dor, as que se escondem sob a segurança de superfície:

— quando nos acomodamos com a inércia, a pretexto de haver trabalhado em demasia...

— nas ocasiões em que exigimos se nos faça o próximo arrimo indébito no jogo da usura ou no ataque da ambição...

— qualquer que seja o tempo em que venhamos a admitir nossa pretensa superioridade sobre os demais...

— sempre que nos julgemos infalíveis, ainda mesmo em desfrutando as mais elevadas posições nas trilhas da Humanidade...

— toda vez que nos acreditemos tão supostamente sábios e virtuosos que não mais necessitemos de avisos e corrigendas, nos encargos que nos são próprios...

Sejam quais sejam os lances da existência em que nos furtemos deliberadamente aos imperativos de auto-educação ou de auxílio aos semelhantes, estamos em conjuntura perigosa da vida espiritual, com a obrigação de esforçar-nos, intensamente, para não cair em mais baixo nível de sentimento e conduta.

Libertemo-nos dos complexos de avareza e vaidade, intransigência e preguiça que nos acalentam a insensibilidade, a ponto de não registarmos a menor manifestação de sofrimento, porquanto, de modo habitual, é através deles que se operam, em nós e em torno de nós, os piores desastres do espírito, seja pela fuga ao dever ou pela queda na obsessão.

**Mortos voluntários**

Condicionou-se a mente humana, de maneira geral, a crer que madureza orgânica é antecâmara da inutilidade e eis muita gente a se demitir, indêbitamente, do dever que a vida lhe delegou.

Inúmeros companheiros, porque hajam alcan-

gado aposentadoria profissional ou pelo motivo de abraçarem garotos que lhes descendem do sangue, dizem-se no paralelo final da carreira física.

Esquecem-se de que o fruto amadurecido é a garantia de toda a renovação da espécie, e rojam-se, prostrados, à soleira da inércia, proclamando-se desalentados.

Falam em crepúsculo, como se não contassem com a manhã do dia seguinte.

Começam qualquer comentário em torno dos temas palpitantes do presente, pela frase clássica: «no meu tempo não era assim».

Enquanto isso, a vida, ao redor, é desafio incessante ao progresso e à transformação, chamando-os ao rejuvenescimento.

Filhos lhes reclamam orientação sadia, netos lhes solicitam calor da alma, amigos lhes pedem o concurso da experiência e os irmãos da Humanidade contam com eles para novas jornadas evolutivas.

Bastará pensar, porém, que as crianças e os jovens não acertam o passo sem os mentores adestrados na experiência, peritos em discernimento e trabalho, para que não menosprezem a função que lhes cabe.

Nada de esquecer que o Espírito reencarna, atravessando as fases difíceis da infância e da juventude para alcançar a maioridade fisiológica e começar a viver, do ponto de vista da responsabilidade individual.

Quanto empenho vencido e quanta ilusão atravessada para consolidar uma reencarnação, longe das praias estreitas do berço e da meninice, a fim de que o Espírito, viajor da eternidade, alcance o alto mar da experiência terrestre!

Entretanto, grande número dos felizardos que chegam ao período áureo da reflexão, com todas as possibilidades de serviço criador, estacam em suposta incapacidade, batendo à porta do desencanto como quem se compraz na volúpia da paixão por si mesmos.

Trabalhemos por exterminar a praga do desânimo nos corações que atingiram a quadra preciosa da prudência e da compreensão.

Vida é chama eterna. Todo dia é tempo de inventar, clarear e prosseguir.

Os companheiros experientes no esforço terrestre constituem a vanguarda dos que renascem no Planeta e não a chamada «velha guarda» que a rabujice de muitos imaginou para deprimir a melhor época da criatura reencarnada na Terra.

Desencarnação é libertação da alma, morte é outra coisa. Morte constitui cessação da vida, apodrecimento, bolor.

Os que desanimam de lutar e trabalhar, renovar e evoluir são os que verdadeiramente morrem, conquanto vivos, convertendo-se em múmias de negação e preguiça, e, ainda que a desencarnação passe, transfiguradora, por eles, prosseguem inativos na condição de mortos voluntários que recusam viver.

Acompanhemos a marcha do Sol que diariamente cria, transforma, experimenta, embeleza. Renovemo-nos.